

GENEALOGIA E IDENTIDADE

Victorino Chermont de Miranda *

O tema da Identidade é algo recorrente em nossos dias, em grande parte conseqüência do processo de transformação acelerada em que vivemos. Zygmunt Baumann, em seu livro *Identidade*, disse isso claramente: “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam um ‘nós’ a que possam pedir acesso”.

Embora não se referisse à Genealogia, é ela, sem dúvida, um desses “nós” a que um número cada vez maior de pessoas recorre contra a massificação opressiva que desfigura e iguala todos.

Pode-se perguntar, porém, o que fazer com as diferenças, pois somos portadores, como indivíduos e famílias, de histórias diferentes. A resposta, por mais espanto que possa causar, é uma só: valorizá-las. Obviamente, não para estabelecer hierarquias, mas para dar à diversidade o que por direito lhe compete na formação do tecido social.

Já é tempo de desvincular os estudos de família da idéia de superioridade. Genealogia não é sinônimo de nobiliarquia nem certificação de qualidade. É, sim, resgate da continuidade de uma família, de cada família, no tempo. É sucessão de gerações. É transmissão do sangue, do gene, do DNA. É perpetuação do nome. É história e memória dos que nos precederam.

Não é a Genealogia, como saber, que conduz à exclusão social. É o desconhecimento dela, pois desfalca o homem de uma dimensão fundamental de sua vida, que é o conhecimento de seu passado familiar. Ter genealogia, portanto, é ter uma história. História que começa antes de nós e se projeta em nossos filhos e netos. Conhecê-la não é apenas uma curiosidade. É um caminho para que não nos sintamos perdidos na massa, isolados, desenraizados.

A moderna investigação genealógica se apresenta como um verdadeiro suporte da identidade de cada pessoa, contribuindo para reforçar-lhe a auto-estima e a idéia de pertencimento tão necessárias num mundo de relações atomizadas. É ela que nos leva a descobrir aquilo que Ecléa Bosi, num penetrante estudo sobre memória e sociedade, chamou de “a natureza íntima da família”, na qual reside, em última análise, o seu *ethos*, e que acaba por se constituir numa verdadeira memória referencial para cada um de seus integrantes.

É direito de todos ter a sua história, saber quem é e poder transmitir aos pósteros a memória de seus maiores. Pessoa alguma é uma célula isolada. Todos somos elos de uma cadeia que vem de longe, passa por nós e se projeta sobre o futuro. Inserir-se nela é sobreviver ao tempo e ao esquecimento. E é exatamente a genealogia, como fio condutor de nosso estar no mundo, que nos pode ajudar nessa empreitada.

* **Victorino Chermont de Miranda** é advogado, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Colégio Brasileiro de Genealogia, além de pertencer ao Conselho Editorial da Revista da ASBRAP. Publicado na **Revista de História** da Biblioteca Nacional, ano 3, nº 34, julho 2008, p. 98.